

CEDI - P. I. B.
DATA 03/05/94
COD. XVD00083

1. ANTECEDENTES

Em fins de setembro / 91 representantes das comunidades indígenas Xavante das aldeias Caçula e Tanguro, junto com o indigenista Fernando Schiavini (que estava para trabalhar na Funai de Brasília como responsável pela área Xavante, o que afinal não se concretizou), estiveram na SEMAM-PR procurando apoio para sua atividade de agricultura. Eles representavam uma parcela da população Xavante que se havia separado da aldeia de Pimentel Barbosa, formando essas duas aldeias novas (Caçula, com 200 pessoas, e Tanguro, com 40). Por serem aldeias novas (a separação ocorreu em março/ 91) não tinham roça feita e passaram fome durante este ano. Estavam em busca de apoio para iniciar um trabalho de agricultura que aproveitasse as áreas já desmatadas da reserva e que pudesse gerar excedentes para as aldeias.

Com a possibilidade de se viabilizar um projeto através do FNMA (Fundo Nacional para o Meio Ambiente), a SEMAM articulou um encontro desses Xavante / indigenista Fernando Schiavini / SEMAM / EMBRAPA-CPAC, para juntos pensarmos alguma proposta.

A EMBRAPA, através do CPAC, cumprindo as determinações do Decreto Presidencial nº 25, de 4 de fevereiro de 1991, vem desenvolvendo o " Projeto de Garantia da Auto-Sustentação dos Povos Indígenas - Formação e Apoio a Pesquisa das Comunidades Indígenas".

Na área Xavante de Pimentel Barbosa o CPAC vem participando, junto com a UNI, o Núcleo de Cultura Indígena, a Universidade de Goiás e a Associação Xavante de Pimentel Barbosa, de um projeto de reflorestamento com plantas nativas e aproveitamento das espécies nativas para consumo e mercado, chamado Projeto Serra do Roncador (Projeto Jaburu - Fase II).

Os Xavante das aldeias Tanguro e Caçula são exatamente os " dissidentes" do Projeto Jaburu; denunciavam esse projeto, que havia gerado problemas a ponto de provocar a ruptura da aldeia mais tradicional Xavante.

Ficou combinado então que se faria uma viagem conjunta SEMAM - CPAC de avaliação agro-ambiental da área, juntamente com o indigenista Fernando Schiavini (CAI - IBRACE). A viagem foi realizada de 13 a 20 de novembro / 91, com um técnico do CPAC (Thomaz Adolpho Rein - especialista em fertilidade do solo), um da SEMAM (Mara Vanessa - consultor do Programa de Agroecologia), indigenista Fernando Schiavini (CAI-IBRACE) e o motorista do CPAC, Jonilson.

2. CONTATOS

2.1. Brasília:

- FUNAI:

Foi feito contato com o CPA / FUNAI, com Maurício, que demonstrou interesse em acompanhar o processo.

2.2. Barra do Garças:

- FUNAI:

Contato com Guilherme Carrano, Administrador Regional da FUNAI, grande conhecedor dos Xavante e especialmente dos

de Fimentel Barbosa. Guilherme acredita que só é possível qualquer projeto se houver um levantamento ambiental e sócio-econômico prévio da área (para o qual ele já tem um esboço e algumas articulações, inclusive com pessoal técnico da EMATER local), e se houver pessoal de campo (Chefe de Posto) interessado e disposto. Para ele, o mais importante é que os Xavante voltem a fazer suas roças de toco, inclusive mantendo suas sementes nativas. Citou o caso do milho Xavante (8 variedades) que os índios quase não têm mais e que um pesquisador da Embrapa de Sete Lagoas levou para estudar, em 1978. Guilherme tem interesse em reaver essas sementes (multiplicadas) para distribuir entre os índios.

Ele ainda ressaltou que qualquer projeto em Pimentel Barbosa deveria envolver e ser discutido com Ismael Leitão (Goiânia), indigenista, amigo dos Xavante, conhecedor profundo da área e de todas as famílias e relações, história, cultura.

- CELVA:

O Centro Etno-Ecológico do Vale do Araguaia vem realizando projetos ambientais na região e, embora conte com pouco pessoal, possui grande capacidade de mobilização; o presidente do CELVA é o mesmo Guilherme Carrano, da Funai. As relações FUNAI - CELVA - IBAMA (Posto local) são fáceis e fluidas e o CELVA, assim como o IBAMA, seriam aliados naturais na realização de qualquer trabalho na região.

- COOPERCANA:

A direção da Coopercana em Barra do Garças (Sr. Hermeto) mostrou-se interessada em colaborar em qualquer projeto na área Xavante. Para a Coopercana, que busca apoio internacional para viabilizar seus projetos, é um bom negócio envolver-se em trabalhos com os índios e com recuperação de áreas degradadas dentro da área indígena. Foi-nos indicada Eliane de Oliveira Felten, em Canarana, para nos mostrar os campos experimentais de Canarana e de Garapu (seringueira, graviola). A Coopercana está querendo viabilizar uma unidade beneficiadora de látex, tendo em vista a produção dos seringais de plantio na região; esta poderia ser uma opção também para os índios.

2.3. Nova Xavantina:

- FUNAI:

Contato com o Administrador Regional da Funai, Eivaldo Gomes da Silva Filho. A FUNAI encontra-se com pouquíssima estrutura na região, sem viaturas, sem recursos, sem nada. Também fez contato conosco o Chefe do Posto Indígena Caçula, William, que passou desde então a nos acompanhar na viagem à área.

2.4. Canarana / Garapu :

- COOPERCANA:

Contato com agrônoma Eliane de Oliveira Felten, que nos levou (e aos Xavante que foram conosco, representantes das duas aldeias) para conhecer os campos experimentais de seringueira (500 mudas por hectare, espaçamento 7m x 3m, podendo ser consorciada até o 4º ano com qualquer lavoura branca exceto a mandioca; preço da muda por volta de 1,5 dólar; começando a produção a partir do 6º ano), de graviola (começa a produzir no 3º ano), de manga e de piscicultura.

Ela se mostrou disposta a colaborar (com as-

sessoria técnica e o que fosse possível); comentou sobre o Projeto Jaburu (do qual consta como consultora); da descontinuidade dos contatos feitos (nunca falou duas vezes com a mesma pessoa); do fracasso em conservar o pequi para transformação - manipulado na aldeia, o pequi fermentou todo, e de que estranhava a grande preocupação do Projeto com mercado externo quando não havia nem o produto nem a suplementação alimentar da aldeia garantidos.

Nessa visita, os índios mostraram pouco interesse em relação a qualquer das espécies cultivadas. Tudo que cheirasse a "mudas", a "plantar árvores", lembrando a proposta do Projeto Jaburu, era-lhes indigesto. A maior emoção foi na piscicultura - o cacique Surupredo não se conformou com a devolução à água de TODAS as lindas carpas que nos foram mostradas...

3. A SITUAÇÃO NAS ALDEIAS VISITADAS

Visitamos apenas as aldeias de Caçula (200 pessoas) e Tanguro (40). Deixamos de ir a Água Branca (por falta de tempo) e a Fimentel Barbosa (a pedido expresso dos velhos de Caçula e Tanguro, devido à tensão enorme existente hoje entre os dois grupos Xavante).

A presença da Funai dá-se através de uma enfermeira (Dejanira) que está há 5 anos na área e é benquista pelos índios, e através do Chefe do PIN Caçula, William, cuja relação com os índios é péssima - reclamam dele o tempo todo, já o mandaram embora várias vezes, tensão total. Queixam-se de que ele quase nunca está na área, não liga para os problemas dos índios, não respeita as pessoas, etc. De fato, ele tem pouco conhecimento da área - não sabia nem onde era a roça comunitária que a aldeia derrubou este ano. O Posto está em péssimas condições - tanto a estrutura física, a casa destelhada, abandonada, quanto a estrutura das relações humanas e de trabalho. Basta ver os Xavante em sua formalidade educada no Warã (Conselho da Aldeia, que se reúne ao amanhecer e ao entardecer, todos os dias) e a indelicadeza do comportamento do Chefe de Posto, 38 na cintura, interrompendo discursos, discutindo o tempo todo, fazendo má figura. Definitivamente, não se entendem. Entre ele e os Xavante não há diálogo, há confronto. Ele credita sua atuação fraca à evidente falta de recursos da Funai, mas não é o aliado que os índios buscam e querem, mesmo sem recursos.

Os índios haviam derrubado suas roças de toco familiares e estavam esperando pelas sementes de arroz e feijão, da Funai, para plantar. Roças pequenas, nas únicas manchas de mata de galeria. Alguns já se haviam antecipado e plantado algum arroz, pouco milho (híbrido, grãos que ganharam da enfermeira), cará, mandioca, bata-doce, abóbora, amendoim, algodão, mas tudo em pouquíssima quantidade, coisa para espantar de tão pouco. Só um índio havia plantado "milho de Xavante", assim mesmo de uma só variedade, e plantou misturado com o híbrido... As roças de toco são dominadas pelo arroz, que ocupa de 80 a 90 % do espaço. Se dá um problema qualquer no arroz, adeus comida para o ano, já que não estão mantendo quantidade suficiente na diversidade. É de assustar a perda das sementes nativas de milho, uma vez que esses Xavante são considerados os mais tradicionais; se eles não têm mais o milho Xavante, quem terá?

Grande parte da área (tanto na Caçula quanto em Tanguro) é pasto formado com braquiária, porque durante alguns anos ali foi ocupado por fazendeiros. Quando os índios retomaram a área, ficaram com um pasto enorme. O pasto está bem formado e sem desgaste, já que os índios não criam gado. Em Fimentel Barbosa ainda criam (umas 80 cabeças, segundo informações dos índios; já chegaram a ter lá quase 700 cabeças) mas não em Tanguro e Caçula. O Xavante é caçador e virar vaqueiro, criador de gado, é uma mudança enorme e

radical. Os indigenistas envolvidos com os Xavante (Guilherme Carrano, Fernando Schiavini) não acreditam que eles passem de caçadores a criadores facilmente. Já foi tentado isso, mas o resultado é o pouco gado restante hoje em Pimentel Barbosa, cuidado sempre por um vaqueiro não-índio, contratado pela Funai. Conversamos com os índios sobre a possibilidade do gado como alternativa, mas eles acham difícil pro Xavante ficar preso na criação de gado; quando vem a época das festas, das caçadas, dos rituais, eles deixam qualquer outra atividade.

Outra alternativa econômica para a área seria o arrendamento dos pastos, o que é proibido pela Funai. Os índios de Tanguro arrendam por conta própria o pasto de seu pedaço da área para um fazendeiro vizinho chamado "Paulinho". Indo para Canarana atravessamos a fazenda desse Paulinho e constatamos que seu pasto está arrasado, a terra cansada, tudo degradado. Por isso ele precisa do pasto dos índios. O preço do arrendamento na região é 1 kg de carne por cabeça por mês; o quilo da carne estava valendo lá Cr\$2.000,00. Paulinho coloca mil (1.000) cabeças de gado na área indígena; se pagasse o arrendamento correto, a aldeia de Tanguro receberia 2 milhões de cruzeiros por mês. Isso não acontece; ele paga alguma coisa (não conseguimos saber ao certo quanto, mas o Chefe de Posto falou em algo em torno de 300 mil cruzeiros) e "ajuda" os índios emprestando trator, dinheirinho para remédio e outros apertos, carro, etc. Os índios gostam dele e o consideram amigo. Ele foi um dos que perderam fazendas quando a área indígena foi retomada e redemarcada, no final dos anos 70. Perguntado sobre o que achava do fazendeiro não pagar o valor real do arrendamento, o Chefe do Posto explicou que "ele teve uns prejuízos, coitado" e não pode pagar, mas que ele é "muito legal" e amigo dos índios, quabra todos os galhos, etc. O Chefe do Posto o considera um amigo e tem por ele grande consideração. A relação é esta: Paulinho põe mil cabeças de gado no pasto dos índios, pelo que deveria pagar dois milhões de cruzeiros por mês. Não paga isso e vai "ajudando" os índios, fazendo favores, e é o grande amigo. Os índios, nessa equação, devem-lhe sempre favor; e ele, coitado, teve prejuízos e não pode pagar o arrendamento (mas pode usar o pasto dos índios). Perguntas: por que não paga em cabeças de gado? Não há ninguém para assessorar os índios nesse sentido...

Tanto a aldeia de Tanguro quanto a de Caçula derrubaram "roças coletivas", bem maiores que as familiares. Ao redor da aldeia Tanguro foi plantado arroz, ano passado, e este ano eles querem plantar mandioca; estão esperando o trator de Paulinho emprestado, para arar o pedaço. É interessante que insistem nessas "roças da comunidade", uma idéia (e uma prática) imposta pela Funai nas décadas de 70 / 80.

Para plantar tanto as roças familiares quanto as coletivas, os índios esperavam as sementes de arroz e de feijão e os instrumentos (enxadas, foices, facões, matracas) que seriam comprados pela Funai. Para conseguir recursos para essas compras, os líderes de Caçula e Tanguro foram a Brasília. Conseguiram que a Funai destinasse recursos para a área (cerca de 4 milhões). O dinheiro chegou de Brasília e as compras foram feitas pela ADR de Nova Xavantina. Estávamos na aldeia no dia que o F-4000 dos índios foi à cidade buscar as compras. O arroz que veio (deveriam ser 650 kg, mas não havia balança para comprovar o peso dos sacos) era na verdade grão velho, cheio de manchas escuras e que quebrava todo na mão, ao ser descascado. Arroz que, passado na máquina ou pilado, seria considerado refugo. Os sacos de estopa rasgavam facilmente. Para plantar! Serviço jogado fora, nenhuma garantia de germinação.

Com os facões também acontecia uma situação caótica - foram

compradas facas grandes, não propriamente facões, e por um preço muito superior ao de um facão comum vendido no supermercado de Canarana. Essas informações sobre o tamanho dos facões foram passadas pelo Chefe de Posto, pois a encomenda, mesmo já tendo sido paga, não havia ainda sido entregue(!).

O grande problema da área, no entanto, é o "trauma Jaburu". Segundo nos contaram os índios, eles acabaram se separando dos parentes de Pimentel Barbosa por causa de problemas de poder (leia-se dinheiro) gerados por esse Projeto. O desentendimento chegou a tal ponto que a ruptura é hoje total, não se falam caso se encontrem na cidade ou na Funai, não se visitam, nada. E são parentes, até o início deste ano formavam uma única aldeia. Conversas de feitços mandados pelos de Pimentel Barbosa para acabar com os parentes correm diariamente em Tanguro e Caçula. Os velhos estão magoados. E todos estão vacinados contra qualquer coisa que cheire a Jaburu - plantar espécies perenes, reflorestar, resultados a médio e longo prazo, recuperação ambiental... Esse tipo de discurso é associado à conversa do Projeto Jaburu e os índios arrepiam só de ouvir. Por isso, André, o jovem filho de Surupredo, intérprete dos índios nas negociações com os brancos, fez questão de que todas as idéias fossem discutidas o tempo todo na presença de todo mundo, especialmente dos velhos, "para não ficar nada escondido".

4. A PROPOSTA DOS ÍNDIOS E SUA EXPECTATIVA

Nos discursos dos velhos no Warã, falaram que queriam plantar roça grande de banana e de cana. A expectativa é também de roça mecanizada de arroz, à imagem e semelhança dos gaúchos seus vizinhos. Ouviram nossos discursos e ponderações, mas o máximo de concessão à monocultura do arroz seriam as roças de banana e de cana.

Na visita aos campos experimentais da Coopercana, não demonstraram interesse. Na conversa final que tivemos, porém, pediram tempo para pensar. Entendem a necessidade de plantar espécies perenes e a idéia de que se pode consorciar seringueira com arroz, por exemplo, até o 40 ano, pareceu agradar muito. Não conhecem o processo de tirar o látex e não têm uma idéia muito clara do que poderia ser essa atividade, mas entenderam e gostaram da idéia de ter árvores que pudessem dar sempre alguma renda para eles, e principalmente de que se poderia ter grandes roças - lavoura branca - enquanto crescem essas árvores. Nossa sugestão é que se leve algum vídeo sobre índios seringueiros para que eles vejam e também que se organize uma visita desses Xavante aos Pareci, que estão implantando seringais de cultivo em sua área, além de já cortarem seringa dos seringais nativos.

Ficaram também de pensar que tipos de fruteiras gostariam de plantar, "fruta para a gente comer também", conforme frisaram.

5. PONTOS A SEREM AVALIADOS.

1. É urgente a recuperação das roças de toco tradicionais, com a diversidade tradicional, que significa fartura e equilíbrio alimentar.

2. É urgente uma assessoria na gerência do arrendamento do pasto de Tanguro.

3. É preciso pensar alternativas para que um mesmo pedaço de terra seja cultivado por pelo menos 3 anos consecutivos, evitando a derrubada a cada ano - pelo menos para as chamadas "roças de comunidade".

4. Seringueira consorciada com lavoura branca parece ser uma boa opção; é preciso estudar as questões técnicas e sobretudo as culturais ao se considerar a introdução dessa nova cultura e possível fonte de renda.

5. Que outras culturas perenes incentivar ? Que mais se poderia plantar no cerrado, com pouco trabalho?

6. É preciso se pensar alternativas para manter e aumentar a fertilidade do solo, que não seja a dependência do adubo químico.

7. Mecanização - uma grande questão. Os índios querem, já foi tentada na década de setenta, fracassou ao longo dos anos 80. Não há como se pensar em manutenção de máquinas, que acabam virando ferro velho. Uma opção seria alugar de fazendeiros vizinhos, outra seria usar as máquina da Coopercana dentro de um possível convênio. Há que se debater mais com os índios esse assunto.

8. O acompanhamento na área - é importante um Chefe de Posto que seja um interlocutor aceito pelos índios, pelo menos. Alguém que estivesse presente de forma a assessorar seu cotidiano.

6. ACORDOS E ENVOLVIMENTOS

Com os Xavante ficou combinado um novo encontro, desta vez em Brasília, quando os líderes viriam resolver conosco o desenho do projeto. "Não pode jogar um idéia e querer devolver na hora, tem que pensar, tem que ter tempo", explicou André. Eles ficaram de avaliar as propostas de culturas perenes, ver que frutas gostariam, pensar sobre a seringueira, e voltar com alguma idéia. Nós ficamos de devolver os resultados da análise dos solos (EMBRAPA) e de conseguir mais idéias sobre possíveis cultivos e melhor aproveitamento do cerrado.

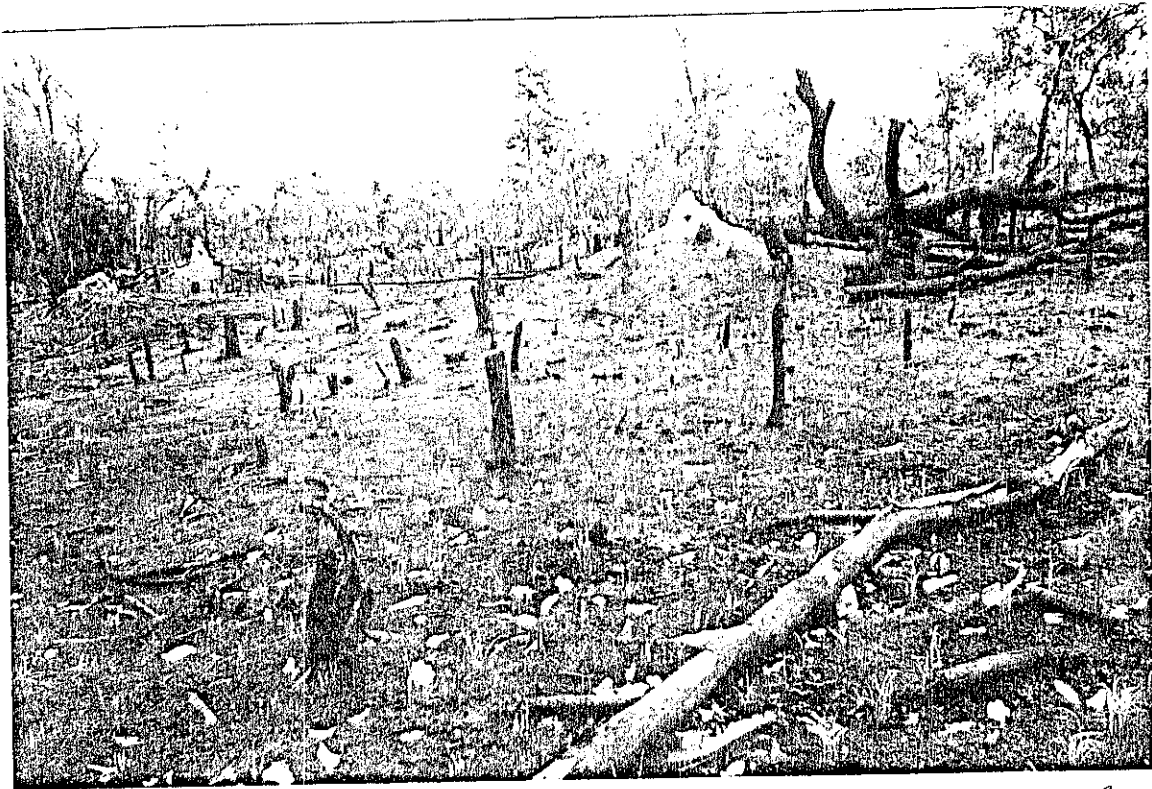
Para o bom andamento de um possível projeto, é fundamental a participação do indigenista Fernando Schiavini (CAI- IBRACE), que deflagrou esse processo e é querido e respeitado pelos Xavante. É importante ficar claro que este não é um possível projeto da SEMAM, nem da EMBRAPA, mas dos Xavante, que vieram procurar apoio.



Warã: reunião todos os dias, ao amanhecer e ao entardecer, onde se resolvem as coisas da aldeia, discursa-se e toma-se decisões.



Estradas da área.



O arroz é o rei das roças de
toco...



... onde se vê poucos pés de milho
espalhados.



As roças de toco anuais são derrubadas nas matas de galeria, chegando até a beira d'água.



Caçadores param para descansar na roça, a caminho da aldeia.



A roca comunitária é maior que as rocas familiares. Detalhe do Chefe de Posto com seu 38 na cintura.



Um pe' de feijão perdido no meio do arroz.



A agricultura dos gaúchos...



... onde é preciso um binóculo para enxergar
uma árvore.



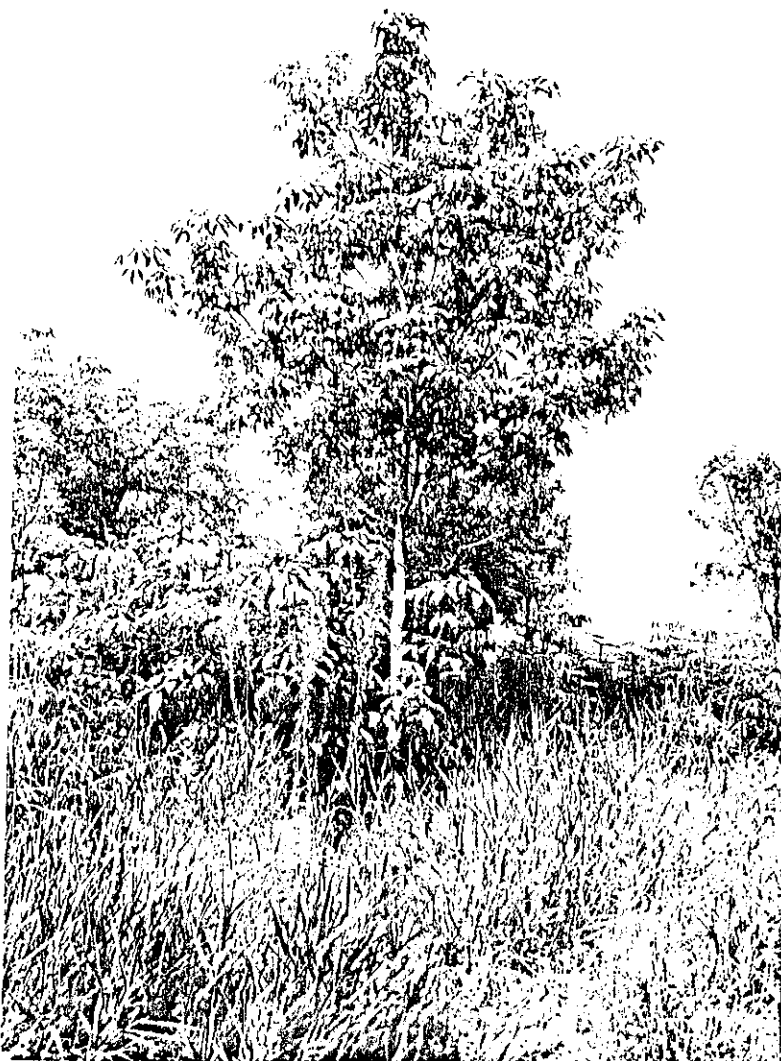
Vivo interesse pelos peixes...



... e interesse bastante relativo para
com a granola.



Seringueiras com 02 anos ...



... e com 5 anos.